

# A diversidade dos bambus no Brasil

Thiago Machado GRECO (1), Moisés Medeiros PINTO (2), Antonio Fernando Caetano TOMBOLATO (3), XIA Nianhe (4).

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é atualizar e discutir a lista de espécies Bambusoideae e sua distribuição natural no Brasil. De acordo com os dados coletados, há no total 256 grupos taxonômicos nativos (inclusive 2 subespécies e 3 variedades) de Bambusoideae no Brasil, pertencentes a 34 gêneros e 2 tribos neste país. Entre eles, 164 grupos taxonômicos de 17 gêneros de bambu lenhoso e o restante de bambu herbáceo. A região norte é a mais rica em bambus herbáceos, com 61 espécies da tribo Olyreae, enquanto os bambus lenhosos são mais encontrados na região sudeste, com 96 espécies da tribo Bambuseae. *Merostachys* (43 espécies) e *Chusquea* (45 espécies) são os gêneros mais comuns, com a utilização mais potencial para o *Guadua* (18 espécies). O endemismo em nível de gênero e espécie é de 32,4% e 68,8%, respectivamente. Os gêneros endêmicos no Brasil são *Diandrolyra*, *Eremitis*, *Parianella*, *Reitzia* e *Sucrea* para a tribo Olyreae e *Alvimia*, *Apoclada*, *Athroostachys*, *Cambajuvá*, *Filgueirasia* e *Glaziophyton* para a tribo Bambuseae.

**Palavras-chave:** Bambusoideae; Poaceae; endemismo; distribuição geográfica.

(1) UFSC-CCA, Florianópolis/SC; (2) Alameda das Cateias, 240, CEP 18055-177, Sorocaba/SP; (3) Unicamp-IAC, Campinas/SP; (4) Guangdong Botanical Garden, Guangzhou/China.

**Nota:** O presente artigo é uma tradução do original em inglês, efetuada em janeiro de 2021 pela Pedra Rosetta ([www.pedrarosetta.com.br](http://www.pedrarosetta.com.br)), de Florianópolis/SC, por solicitação da Associação Catarinense do Bambu – BambuSC, à qual os autores delegaram o direito de publicação da tradução. O artigo original foi publicado na China, em 2015, pela revista *Journal of Tropical and Subtropical Botany*, 热带亚热带植物学报 2015, 23(1): 1 ~ 16, sob o título “Diversity of bamboos in Brazil”.

Os bambus são plantas que pertencem à subfamília Bambusoideae, uma das 12 subfamílias da família das gramíneas — Poaceae. Com exceção da Europa e da Antártica<sup>[1]</sup>, os membros das Bambusoideae ocorrem naturalmente em quase todos os continentes do globo e são distribuídos em todo o mundo entre as latitudes 46° N e 47° S, em altitudes que vão desde o nível do mar até 4.300 m<sup>[2]</sup>. Além disso, é a única linhagem de Poaceae com grande diversificação em ambiente de florestas<sup>[3]</sup>.

Em relação à distribuição de Bambusoideae, 62% das espécies são nativas da Ásia, 34% são nativas das Américas e 4% são da África e da Oceania<sup>[4]</sup>. No entanto, acredita-se que a diversidade dos bambus no continente americano é equivalente à Ásia, já que várias espécies não foram descritas<sup>[5]</sup>.

Bambusoideae, com 1.439 espécies<sup>[6]</sup> em 116 gêneros, é dividida em três tribos: Arundinarieae, que abrange os bambus lenhosos temperados; Bambuseae, que abrange os bambus lenhosos tropicais e Olyreae, que abrange os bambus herbáceos<sup>[6-8]</sup>.

Dentre os países das Américas, o Brasil tem a maior diversidade de espécies, sendo que os principais centros de diversidade são as áreas da Floresta Amazônica e da Mata Atlântica. E, ainda, algumas espécies ocorrem no Cerrado, em campos de altitude e em terrenos rochosos<sup>[2]</sup>.

Os estudos anteriores do bambu brasileiro iniciam no século dezenove. De 1829 a 1835, o agrostólogo alemão Nees von Esenbeck (descobridor da Bambusoideae<sup>[9]</sup>), publicou trabalhos importantes para a compreensão da taxonomia dos bambus como um todo. Primeiramente ele escreveu um capítulo da Flora Brasiliensis sobre as gramíneas no Brasil, que abrangia os bambus<sup>[10]</sup>. Seis anos depois, ele publicou uma monografia dedicada totalmente aos bambus brasileiros<sup>[11]</sup>, que é o primeiro trabalho dedicado exclusivamente a esse grupo de plantas em todo o mundo.

Depois das publicações de Nees von Esenbeck, outros trabalhos importantes sobre bambus brasileiros também destacados nesse século foram a *Bambuseas Monographice Exponit.* de Ruprecht<sup>[12]</sup>, *A Monograph of the Bambusaceae.* de Munro<sup>[13]</sup>, e o trabalho de Doell sobre a Tribo Bambusaceae<sup>[14]</sup>, que faz parte do segundo volume da *Flora Brasiliensis*<sup>[15]</sup>. No século vinte, foram descritas várias espécies novas, com destaque para os trabalhos de Camus<sup>[16]</sup>, McClure<sup>[17]</sup> e Sendulsky<sup>[18]</sup>. A primeira lista de verificação da subfamília Bambusoideae foi publicada por Filgueiras e Santos-Gonçalves em 2004. Nessa publicação, foram relacionados 34 gêneros e 232 espécies<sup>[19]</sup>.

Em 2010, O Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro publicou um catálogo de plantas e cogumelos brasileiros<sup>[20]</sup>. Nesse catálogo os poucos botânicos brasileiros que trabalhavam com Bambusoideae revisaram e atualizaram o conhecimento sobre esta subfamília Poaceae no Brasil. Atualmente essa publicação gera uma página da Web: [floradobrasil.jbrj.gov.br](http://floradobrasil.jbrj.gov.br)<sup>[21-22]</sup>, que é interativa e os taxonomistas podem atualizar os dados a qualquer momento.

Ambas as listas são muito importantes e úteis, mas os estudos taxonômicos no Brasil se desenvolveram com muita rapidez nos últimos anos e tornam necessária uma atualização dessas informações. A lista de 2004 foi publicada apenas em português, e a de 2010 é geral para todos os cogumelos e plantas altas, onde as Bambusoideae só representam uma parte das Poaceae e, além disso, a distribuição das espécies e gêneros não é localizada com precisão.

## 1 Uso do bambu no Brasil

As Bambusoideae nativas são muito pouco conhecidas pelo povo brasileiro. Apenas as espécies exóticas são cultivadas para decoração ou para artesanato e pequenas construções rurais.

Os melhores exemplos de sucesso na exploração dessa cultura é sua utilização para energia e polpa de papel no nordeste do país, onde o Grupo João Santos e a Cerâmica Forte cultivaram uma área de 35 mil hectares de *Bambusa vulgaris* Schrad. ex J. C. Wendl. nos estados de Pernambuco e Paraíba e também no Piauí e Maranhão.

São Paulo é o único estado com produção em grande escala de colmos de bambu, principalmente

*Phyllostachys edulis* (Carrière) J. Houz., *Phyllostachys aurea* Carrière ex Rivière & C. Rivière e *Dendrocalamus asper* (Schult. & Schult. f.) Baker ex K. Heyne. Esses bambus cultivados também são usados parcialmente para a produção de brotos.

## 2 Pesquisa agrícola no IAC

Do ponto de vista agrícola, o Instituto de Agronomia (IAC), do estado de São Paulo, foi o pioneiro no estudo e desenvolvimento da cultura de bambu no país. Esse instituto mantém a maior coleção nacional de bambu *ex situ*, que antigamente tinha apenas espécies exóticas asiáticas, mas a partir de 2012 começou a introduzir e colecionar espécies nativas.

As espécies asiáticas de bambu foram introduzidas durante os anos 1950s e 1960s pela divisão de botânica (existente naquela época) por meio do Sistema de introdução e quarentena. Atualmente, ela mantém cerca de 150 espécies, abrangendo exóticas e nativas (nota dos autores).

Devido a essa pesquisa sobre manutenção e melhoria da coleção de bambu do IAC, foi feita uma avaliação das espécies existentes de Bambusoideae e sua distribuição no país. Esses dados foram importantes para localizar as populações naturais e possibilitar a coleta de espécimes para a conservação *ex situ*.

## 3. O bambu como nova cultura no país

No Brasil, é possível cultivar bambu em quase todas as regiões e terras cultiváveis do território, com exceção dos pântanos e áreas inundadas e também nas áreas de seca extrema, como no nordeste, no bioma denominado caatinga, que os indígenas chamavam de “florestas brancas” .

O uso desta cultura pode representar um benefício para o país, já que o cultivo do bambu evita que o solo se torne siltoso, contribui para sua revitalização e restaura a fertilidade. Ele também pode manter a umidade na sombra produzida pela floresta, criando um ambiente favorável para o estabelecimento efetivo de espécies nativas pioneiras de sub-bosque. Esse benefício também representa um meio possível para o reflorestamento rápido de matas ciliares, já que em um curto período e dependendo do clima e das condições ambientais, pode ser feita a cobertura de terras degradadas entre o terceiro e o quarto ano após o plantio inicial. Para esse uso, devem ser escolhidas espécies entouceirantes, isto é, com rizomas paquimorfos (simpodiais) e com características menos agressivas aos ambientes antrópicos.

Em 2011, foi assinado um Memorando de entendimento pelos Ministros da Ciência e Tecnologia do Brasil e da China e também foi promulgada a Lei federal nº. 12.484, que estabelece a Política Nacional de Incentivo ao Manejo Sustentado e ao Cultivo do Bambu no Brasil. Esses instrumentos estabelecem orientações que permitem que o país possa contar com uma nova mercadoria primária em futuro próximo.

Toda essa nova visão estimula o interesse pelas Bambusoideae em todas as etapas da cadeia de produção, começando pela pesquisa das espécies nativas até sua possível utilização. O conhecimento sobre os recursos do bambu neste país é essencial. A atualização da lista de verificação é muito importante para o futuro estudo do bambu no Brasil, como a conservação, utilização e exploração de recursos naturais.

## 4 material e métodos

Para atualizar as listas existentes de Filgueiras & Gonçalves<sup>[19]</sup> e Forzza et. al<sup>[20]</sup> sobre as publicações de novas espécies de Bambusoideae após 2010 foi realizada uma revisão bibliográfica e uma pesquisa sobre bancos de dados botânicos. Também foi feito um contato direto com os principais taxonomistas brasileiros que trabalham com Bambusoideae: Tarciso Sousa Filgueiras, Ana Paula Santos Gonçalves, Regina Tomoko Shirasuna, Reyjane Patricia de Oliveira, Fabrício Moreira Ferreira e Pedro Lage Viana. Alguns deles nos passaram instruções e

informações que possibilitaram a atualização desta avaliação.

Com base em evidência molecular, Carvalho & Oliveira concluíram que *Piresia Swallen* e *Reitzia Swallen* devem ser combinados em um só gênero e propuseram conservar o nome *Reitzia Swallen*<sup>[23]</sup>. Mesmo *Reitzia* sendo um nome mais antigo que *Piresia*, De Carvalho & Oliveira consideraram que seria mais fácil agregar *Reitzia* em *Piresia* porque *Reitzia* é um gênero monotípico. Neste trabalho, ainda reconhecemos os dois gêneros porque eles são facilmente reconhecidos por caracteres morfológicos.

Para as localizações das espécies, foram consultadas as publicações de Forzza *et al.*<sup>[20]</sup>, Schmidt & Longhi-Wagner<sup>[24]</sup> e as páginas da Web da Flora Brasiliensis 2014<sup>[25]</sup> (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>) e *Tropicos*<sup>[26]</sup> (<http://www.tropicos.org>). A citação de *Opus Princeps* baseou-se na Lista mundial de famílias de plantas selecionadas<sup>[27]</sup> (WCSP 2014) e na leitura de trabalhos originais.

Depois de obter a lista total de nomes das espécies e a distribuição das populações naturais no país, é possível separá-las em grupos nos estados da União e também nas cinco regiões políticas da seguinte forma (Fig. 1):

Sul (S): Estados do Rio Grande do Sul (RS),

Santa Catarina (SC) e Paraná (PR);

Sudeste (SE): Estados de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Minas Gerais (MG) e Espírito Santo (ES);

Centro-Oeste (CO): Estados de Goiás (GO), Mato Grosso (MT), Mato Grosso do Sul (MS) e Distrito Federal (DF);

Nordeste (NE): Estados da Bahia (BA), Sergipe (SE), Alagoas (AL), Pernambuco (PE), Paraíba (PB), Rio Grande do Norte (RN), Ceará, Piauí (PI) e Maranhão (MA);

Norte (N): Estados do Acre (AC), Amazonas (AM), Rondônia (RO), Roraima (RR), Amapá (AP), Pará (PA) e Tocantins (TO).

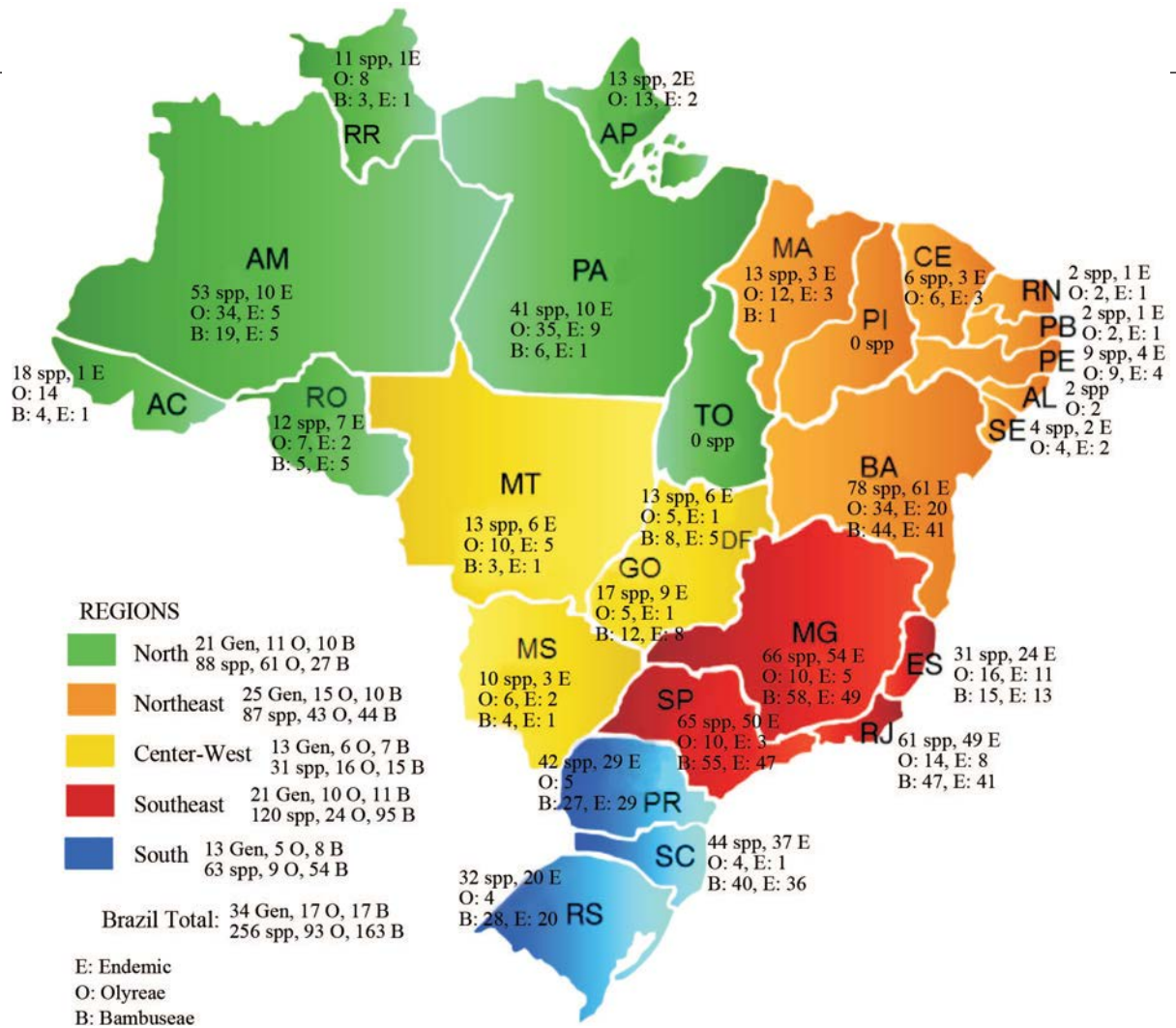


Fig. 1 Mapa geopolítico do Brasil mostrando as 5 regiões e os 26 estados e o Distrito Federal. spp: Número total de espécies em cada estado e região; E: Número de espécies endêmicas; O: Número de espécies para Olyreae; B: Número de espécies para Bambuseae.

## 6 Resultados e discussões

De acordo com todos os dados coletados neste estudo, há no total 256 grupos taxonômicos nativos (Tabelas 4, 5) de Bambusoideae no Brasil, dos quais há 251 espécies nativas, duas subespécies (*Chusquea mimosa* subsp. *australis* e *Guadua tagoara* var. *glaziovii*) e três variedades (*Chusquea capituliflora* var. *pubescens*, *C. tenuiglumis* var. *laxiuscula* e *C. tenuiglumis* var. *subcilindrica*).

Coincidentemente ambas as tribos, Olyreae e Bambuseae, têm 17 gêneros descritos no país. O Nordeste (73,5%) é a região mais rica em gêneros (Tabela 1), principalmente em locais remanescentes da Mata Atlântica, ao longo da costa leste, de norte a sul. As regiões Norte (61,8%) e o Sudeste (61,7%) têm quase o mesmo número de gêneros. A região Norte, representada pelo Amazonas, é considerada muito mais rica que a região Sudeste, mas os estudos têm sido muito limitados pelas dificuldades extremas de acesso, devido a seu tamanho e à falta de estradas para comunicação. Contrariamente, na região Sudeste, estão localizadas as duas maiores e

mais ricas cidades do país – São Paulo e Rio de Janeiro, e existem universidades e institutos de pesquisa importantes. Nessa região, a formação geográfica também favorece a diversidade genética da fauna e da flora. Esta é a área onde a Mata Atlântica está bem desenvolvida e a cadeia de montanhas vai do nível do mar até cerca de 3.000 m de altitude. As precipitações pluviométricas atingem 2.000 mm por ano em determinados locais<sup>[28–29]</sup>. No entanto, também existem outras razões para essa grande diversidade.

A região Sudeste (46,9%) é a região mais rica em espécies (Tabela 2), considerando que a flora da região Norte (34,4%), que representa a região amazônica, ainda é pouco conhecida. Nessa região Norte, o número de espécies Olyreae (61) é muito maior que o de Bambuseae (27). De acordo com os dados das Tabelas 4 e 5, o estado da Bahia (78 espécies) e o estado de São Paulo (65) são os estados mais ricos em espécies de bambus.

O estado da Bahia está localizado na região Nordeste, sendo a região mais seca do país, mas a área principal em distribuição de bambu é a Mata Atlântica, que está na costa e tem uma melhor distribuição de chuvas por ano. Neste bioma ocorre a

Tabela 1 Distribuição dos gêneros Olyreae e Bambuseae nas 5 regiões geopolíticas do Brasil

Região	Número de gêneros			%
	Olyreae	Bambuseae	Total	
Norte	11	10	21	61,8
Centro-Oeste	6	7	13	38,2
Nordeste	15	10	25	73,5
Sudeste	10	11	21	61,7
sul	5	8	13	38,2
Brasil	17	17	34	100

Tabela 2 Distribuição das espécies Olyreae e Bambuseae nas 5 regiões geopolíticas do Brasil

Região	Número de espécies			%
	Olyreae	Bambuseae*	Total	
Norte	61	27	88	34,4
Centro-Oeste	16	15	31	12,1
Nordeste	43	44	87	34,0
Sudeste	24	96	120	46,9
sul	9	54	63	24,6
Brasil	93	163	256	100

\* Incluindo as 2 subespécies e 3 variedades

maioria das espécies encontradas nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. A região Sul é a que conta com menos tribos Olyreae, com 9 espécies descritas e apenas uma endêmica (Tabela 3).

O Centro-Oeste e Sul são as regiões com menos gêneros (38,2%) (Tabela 1) e o Centro-Oeste com menos espécies (12,1%) (Tabela 2). Isso se deve à grande savana (cerrado) existente nessa região. No estado de Tocantins não está descrita nenhuma Bambusoideae e um bom motivo para isso é que o Tocantins é um estado relativamente novo, que foi separado da parte norte do estado de Goiás em 1988. Deve ser realizado um novo estudo, considerando a atualização dos locais de coleta, se atualmente pertencem ao Tocantins ou se ainda permanecem no estado de Goiás.

Outro estado onde não é mencionada nenhuma Bambusoideae é o Piauí. Certamente isso se deve à falta de coleta. Em setembro de 2013, em um trabalho de campo, os autores deste artigo descobriram três espécies nesse estado, basicamente reconhecidas como *Guadua sp.*, *Actinocladum sp.* e uma espécie não identificada de Olyreae. Essas identificações devem ser confirmadas por especialistas.

As espécies mais comuns, distribuídas em quase todos os estados do país são: *Olyra latifolia* e *Parodiolyra micrantha*, ambas herbáceas pertencentes à tribo Olyreae (Tabela 4). *O. latifolia* também é encontrado no continente africano<sup>[30]</sup>.

Dentre as 256 espécies encontradas no Brasil, 176 são endêmicas e, destas, 57,4% ocorrem na região Sudeste (total de 120 espécies). O Centro-Oeste é a região com menos espécies endêmicas, com apenas 9,0% (15 espécies) (Tabela 3).

No mundo, o Brasil é um dos países em que ocorre o mais alto nível de endemismo, especialmente com os gêneros *Aulonemia*, *Merostachys* e *Chusquea*. É um país com o maior número de espécies nativas e endêmicas entre todos os países das Américas<sup>[2]</sup>. Dos 256 grupos taxonômicos nativos, 176 são endêmicos, de acordo com os dados mostrados na Tabela 3.

Os grupos taxonômicos endêmicos do Brasil estão em sua maioria concentrados nas regiões Sudeste (101) e Nordeste (64), principalmente nos estados de São Paulo, com 50 grupos taxonômicos, Minas Gerais, com 54 grupos taxonômicos e Bahia, com 61. Dentre os 26 estados brasileiros, estes também são os únicos que possuem o maior número de endemismo (Tabelas 4, 5). *Merostachys* (43 espécies) e *Chusquea* (45 espécies) são os gêneros mais comuns de Bambuseae e também têm as espécies mais endêmicas, 41 e 42 respectivamente. Na tribo Olyreae, os gêneros *Pariana* (29 espécies) e *Olyra* (20 espécies) são os mais abundantes. Nas endêmicas, os gêneros mais abundantes também são *Pariana* (10 espécies), seguido de *Raddia* (9 espécies).

O Brasil é um dos países que apresenta a maior diversidade de bambus herbáceos nativos (tribo Olyreae) no mundo<sup>[2]</sup>, com 93 espécies. Os bambus pertencentes à tribo Olyreae representam 36,1% dos bambus nativos no país.

Os gêneros endêmicos da tribo Olyreae são *Diandrolyra*, *Eremitis*, *Parianella*, *Reitzia* e *Sucrea*, e da tribo Bambuseae são *Alvimia*, *Apoclada*, *Athrostachys*, *Cambajuva*, *Filgueirasia* e *Glaziophyton*.

Tabela 3 Total e percentual de espécies endêmicas de Olyreae e Bambuseae que ocorrem nas 5 principais regiões brasileiras.

Região	Número de espécies endêmicas			%
	Olyreae	Bambuseae*	Total	
Norte	15	8	23	13,0
Centro-Oeste	6	9	15	8,5
Nordeste	23	41	64	36,3
Sudeste	15	86	101	57,4
sul	1	44	45	25,5
Brasil	43	133	176	100

\* Incluindo as 2 subespécies e 3 variedades

Tabela 4 Tribo Olyreae: Gêneros e espécies que ocorrem no Brasil, número e distribuição de espécies endêmicas por região geográfica e estado

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Agnesia</i> Zuloaga & Judz.	Novon 3: 306 (1993)	B (1 espécie, nenhuma endêmica), W (1 espécie)
<i>A. lancifolia</i> (Mez) Zuloaga & Judz.	Novon 3: 307 (1993)	N (PA, AM)
<i>Arberella</i> Soderstr. & C. E. Calderón	Brittonia 31: 433 (1979)	B (2 espécies, 1 endêmica), W (7 espécies)
<i>A. bahiensis</i> Soderstr. & Zuloaga**	Brittonia 37: 23 (1985)	NE (BA), RO
<i>A. flaccida</i> (Döll) Soderstr. & C. E. Calderón	Brittonia 31: 443 (1979)	N (AM, AC)
<i>Cryptochloa</i> Swallen	Ann. Missouri Bot. Gard. 29: 317 (1942)	B (2 espécies, 1 endêmica), W (8 espécies)
<i>C. capillata</i> (Trin.) Soderstr.	Brittonia 34: 202 (1982)	N (RR, AP, PA), NE (BA), CO (MT), SE (MG, ES, SP, RJ)
<i>C. unispiculata</i> Soderstr.	Brittonia 34: 200 (1982)	N (AC)
<i>Diandroyra</i> Stapf*	Bull. Misc. Inform. Kew 1906: 204 (1906)	B (3 espécies, 3 endêmicas), W (3 espécies)
<i>D. bicolor</i> Stapf**	Bull. Misc. Inform. Kew 1906: 204 (1906)	NE (BA), SE (ES, RJ)
<i>D. pygmaea</i> Soderstr. & Zuloaga ex R. P. Oliveira & L. G. Clark**	Novon 19: 211 (2009)	NE (BA)
<i>D. tatianae</i> Soderstr. & Zuloaga**	Brittonia 37: 2 (1985)	NE (BA), SE (MG, ES, SP, RJ)
<i>Eremitis</i> Döll*	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(2): 338 (1877)	B (3 espécies, 3 endêmicas), W (3 espécies)
<i>E. afimbriata</i> F. M. Ferreira & R. P. Oliveira**	Phytotaxa 84 (1): 33–37 (2013)	SE (ES)
<i>E. magnifica</i> F. M. Ferreira & R. P. Oliveira**	Phytotaxa 84 (1): 37–40 (2013)	SE (MG)
<i>E. parviflora</i> (Trin.) Calderón & Soderstr.**	Smithsonian Contr. Bot. 44: 20 (1980)	NE (BA), SE (ES)
<i>Froesiochloa</i> G. A. Black	Bol. Técn. Inst. Agron. N. 20: 29 (1950)	B (1 espécie, nenhuma endêmica), W (1 espécie)
<i>F. boutelouoides</i> G. A. Black	Bol. Técn. Inst. Agron. N. 20: 30 (1950)	N (AP), NE (MA)
<i>Lithachne</i> P. Beauv.	Ess. Agrostogr.: 135 (1812)	B (2 espécies, 1 endêmica), W (4 espécies)
<i>L. horizontalis</i> Chase**	J. Wash. Acad. Sci. 25: 189 (1935)	CO (MT), N (AP), NE (MA), SE (MG, ES, SP, RJ)
<i>L. pauciflora</i> (Sw.) P. Beauv.	Ess. Agrostogr.: 135 (1812)	NE (CE), CO (MS), S (RS)
<i>Olyra</i> L.	Syst. Nat. ed. 10, 2: 1261 (1759)	B (20 espécies, 6 endêmicas), W (24 espécies)
<i>O. amapana</i> Soderstr. & Zuloaga	Smithsonian Contr. Bot. 69: 5 (1989)	N (AP, AM, RO)
<i>O. bahiensis</i> R. P. Oliveira & Longhi-Wagner**	Revista Bras. Bot. 28: 835 (2005)	NE (BA)
<i>O. caudata</i> Trin.	Linnaea 10: 292 (1836)	N (RR, PA, AM, AC, RO), CO (MT)
<i>O. ciliatifolia</i> Raddi	Agrostogr.: Bras. 19 (1823)	N (PA, AM, AC), NE (MA, CE, BA, SE), CO (MT, GO, DF, MS), SE (MG, SP, RJ), S (RS)
<i>O. davidseana</i> Judz. & Zuloaga**	Syst. Bot. 17: 27 (1992)	N (PA, AM)
<i>O. ecaudata</i> Döll	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(2): 326 (1877)	N (PA, AM, AC), NE (BA)
<i>O. fasciculata</i> Trin.	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Petersbourg, Sér. 6, Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 3(2): 113 (1834)	N (PA), NE (BA), CO (GO), SE (ES, SP, RJ), S (PR, SC)
<i>O. filiformis</i> Trin.	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Petersbourg, Sér. 6, Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 3(2): 115 (1834)	NE (BA)
<i>O. glaberrima</i> Raddi	Agrostogr.: Bras. 19 (1823)	NE (PE, BA), SE (ES, SP, RJ), S (SC)
<i>O. humilis</i> Nees	C. F. P. von Martius, Fl. Bras. Enum. Pl. 2: 304 (1829)	NE (BA), CO (GO, DF), SE (MG), S (PR, RS)
<i>O. juruana</i> Mez	Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 7: 45 (1917)	N (PA, AC)
<i>O. latifolia</i> L.	Syst. Nat. ed. 10, 2: 1261 (1759)	N (AP, AC), N (MA, CE, PE, BA, SE), CO (MT, MS, DF), SE (ES, SP, RJ), S (RS)
<i>O. latispicula</i> Soderstr. & Zuloaga**	Smithsonian Contr. Bot. 69: 35 (1989)	NE (BA)



Continua

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Olyra longifolia</i> Kunth	Nov. Gen. Sp. 1: 198 (1816)	N (RR, AP, PA, AM), NE (MA)
<i>O. lorentensis</i> Mez	Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 7: 47 (1917)	N (AP, PA, AM, RO)
<i>O. obliquifolia</i> Steud.	Syn. Pl. Glumac. 1: 36 (1853)	N (AP, PA), NE (MA)
<i>O. retrorsa</i> Soderstr. & Zuloaga**	Smithsonian Contr. Bot. 69: 54 (1989)	CO (MT)
<i>O. tamanquareana</i> Soderstr. & Zuloaga**	Smithsonian Contr. Bot. 69: 58 (1989)	N (AM)
<i>O. taquara</i> Swallen**	Phytologia 14: 86 (1966)	N (PA), CO (MT, GO, DF, MS)
<i>O. wurdackii</i> Swallen	Phytologia 14: 85 (1966)	N (AM)
<i>Pariana</i> Aubl.	Hist. Pl. Guiane: 876 (1775)	B (29 espécies, 10 endêmicas), W (29 espécies)
<i>P. bicolor</i> Tutin	J. Linn. Soc., Bot. 50: 355 (1936)	N (AM)
<i>P. campestris</i> Aubl.	Hist. Pl. Guiane: 877 (1775)	N (AP, PA), NE (MA)
<i>P. concinna</i> Tutin	Bot. 50: 358 (1936)	N (AM)
<i>P. distans</i> Swallen**	J. Wash. Acad. Sci. 30: 73 (1940)	N (PA)
<i>P. ecuadorensis</i> Pilg.**	Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 14: 323 (1926)	N (AM)
<i>P. gleasonii</i> Hitchc.	Contr. U. S. Natl. Herb. 22: 513 (1922)	N (AP)
<i>P. gracilis</i> Döll	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(2): 337 (1877)	N (AM)
<i>P. imberbis</i> Nees**	C. F. P. von Martius, Fl. Bras. Enum. Pl. 2: 297 (1829)	N (AM)
<i>P. intermedia</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(2): 337 (1877)	N (AP, PA, AM)
<i>P. interrupta</i> Tutin	J. Linn. Soc., Bot. 50: 348 (1936)	N (PA, AM)
<i>P. ligulata</i> Swallen**	J. Wash. Acad. Sci. 30: 74 (1940)	N (PA)
<i>P. lunata</i> Nees	C. F. P. von Martius, Fl. Bras. Enum. Pl. 2: 295 (1829)	N (PA)
<i>P. maynensis</i> Huber	Bol. Mus. Goeldi Paraense Hist. Nat. Ethnogr. 4: 526 (1906)	N (PA, AC)
<i>P. modesta</i> Swallen**	J. Wash. Acad. Sci. 30: 77 (1940)	NE (MA)
<i>P. multiflora</i> R. P. Oliveira, Longhi-Wagner & Hollowell**	Syst. Bot. 33: 263 (2008)	SE (ES)
<i>P. nervata</i> Swallen**	J. Wash. Acad. Sci. 30: 71 (1940)	N (PA)
<i>P. ovalifolia</i> Swallen**	J. Wash. Acad. Sci. 30: 72 (1940)	N (PA, AM)
<i>P. pallida</i> Swallen	Mem. New York Bot. Gard. 9: 268 (1957)	N (AM)
<i>P. radicyflora</i> Sagot ex Döll	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(2): 336 (1877)	N (PA, AM)
<i>P. simulans</i> Tutin	J. Linn. Soc., Bot. 50: 357 (1936)	N (AM)
<i>P. sociata</i> Swallen**	J. Wash. Acad. Sci. 30: 76 (1940)	NE (MA)
<i>P. stenolemma</i> Tutin	J. Linn. Soc., Bot. 50: 350 (1936)	N (AC)
<i>P. tenuis</i> Tutin	J. Linn. Soc., Bot. 50: 348 (1936)	N (AM)
<i>P. trichosticha</i> Tutin	J. Linn. Soc., Bot. 50: 356 (1936)	N (AC)
<i>P. ulei</i> Pilg.	Notizbl. Königl. Bot. Gart. Berlin 6: 112 (1914)	N (AM, AC)
<i>P. velutina</i> Swallen	J. Wash. Acad. Sci. 30: 78 (1940)	N (AM)
<i>P. violascens</i> Swallen	Mem. New York Bot. Gard. 9: 267 (1957)	N (AM)
<i>P. vulgaris</i> Tutin	J. Linn. Soc., Bot. 50: 353 (1936)	N (PA, AM, RO)
<i>P. zingiberina</i> Rich. ex Döll	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(2): 337 (1877)	N (PA)
<i>Parianella</i> Hollowell, F. M. Ferreira & R. P. Oliveira*	Phytotaxa 77(2): 27 (2013)	B (2 espécies, 2 endêmicas)

Continua

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Parianella carvalhoi</i> (R. P. Oliveira & Longhi-Wagner) F. M. Ferreira & R. P. Oliveira**	Phytotaxa 77(2): 31 (2013)	NE (BA)
<i>P. lanceolata</i> (Trin.) F. M. Ferreira & R. P. Oliveira**	Phytotaxa 77(2): 31 (2013)	NE (BA)
<i>Parodiolyra</i> Soderstr. & Zuloaga	Smithsonian Contr. Bot. 69: 64 (1989)	B (4 espécies, 1 endêmica)
<i>P. lateralis</i> (C. Presl ex Nees) Soderstr. & Zuloaga	Smithsonian Contr. Bot. 69: 66 (1989)	N (PA, AM, RR)
<i>P. luetzelburgii</i> (Pilg.) Soderstr. & Zuloaga	Smithsonian Contr. Bot. 69: 70 (1989)	N (RR, AP, PA, AM), NE (MA), CO (MT)
<i>P. micrantha</i> (Kunth) Davidse & Zuloaga	Novon 9: 590 (1999)	N (RR, PA, AM, AC), NE (MA, PE, BA, AL, SE), CO (MS), SE (MG, ES, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>P. ramosissima</i> (Trin.) Soderstr. & Zuloaga**	Smithsonian Contr. Bot. 69: 73 (1989)	NE (BA)
<i>Piresia</i> Swallen	Phytologia 11: 152 (1964)	B (5 espécies, 1 endêmica), W (5 espécies)
<i>P. goeldii</i> Swallen	Phytologia 11: 153 (1964)	N (PA, AM, RR)
<i>P. leptophylla</i> Soderstr.	Brittonia 34: 206 (1982)	N (AM), NE (PB, PE, BA)
<i>P. macrophylla</i> Soderstr.	Brittonia 34: 203 (1982)	N (AC, RO), NE (BA)
<i>P. apalmula</i> Carvalho, Maria Luiza de & R. P. Oliveira**	Syst. Bot. 37: 135 (2012)	NE (BA)
<i>P. sympodica</i> (Döll) Swallen	Phytologia 11: 153 (1964)	N (PA, AM, AC), NE (PE, BA)
<i>Raddia</i> Bertol.	Opusc. Sci. 3: 410 (1819)	B (9 espécies, 8 endêmicas)
<i>R. angustifolia</i> Soderstr. & Zuloaga**	Brittonia 37: 32 (1985)	NE (CE, PE, BA)
<i>R. brasiliensis</i> Bertol.**	Opusc. Sci. 3: 410 (1819)	NE (CE, PE, BA), CO (MS), SE (RJ)
<i>R. distichophylla</i> (Schr. ex Nees) Chase**	Proc. Biol. Soc. Wash. 21: 184 (1908)	NE (BA)
<i>R. guianensis</i> (Brongn.) Hitchc.	Misc. Publ. U. S. D. A. 243: 373 (1936)	N (AP, PA), NE (RN, PE, BA, AL)
<i>R. lancifolia</i> R. P. Oliveira & Longhi-Wagner**	Pl. Syst. Evol. 270: 175 (2008)	SE (ES)
<i>R. megaphylla</i> R. P. Oliveira & Longhi-Wagner**	Pl. Syst. Evol. 270: 173 (2008)	NE (BA), SE (ES)
<i>R. portoi</i> Kuhlm.**	Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 4: 350 (1925)	NE (CE, PB, PE, BA, SE), SE (MG)
<i>R. soderstromii</i> R. P. Oliveira, L. G. Clark & Judz.**	Pl. Syst. Evol. 270: 178 (2008)	NE (RN, BA, SE), SE (MG, ES, RJ)
<i>R. stolonifera</i> R. P. Oliveira & Longhi-Wagner**	Pl. Syst. Evol. 270: 176 (2008)	NE (BA)
<i>Raddiella</i> Swallen	Bull. Torrey Bot. Club 75: 89 (1948)	B (5 espécies, 3 endêmicas), W (8 espécies)
<i>R. esenbeckii</i> (Steud.) Calderón & Soderstr.	Smithsonian Contr. Bot. 44: 21 (1980)	N (RR, PA, AM), NE (BA), CO (GO, DF), SE (MG, SP), S (PR)
<i>R. kaieteurana</i> Soderstr.	Mem. New York Bot. Gard. 12(3): 6 (1965)	N (PA)
<i>R. lumata</i> Zuloaga & Judz.**	Ann. Missouri Bot. Gard. 78: 936 (1991)	N (RO), CO (MT)
<i>R. malmeana</i> (Ekman) Swallen**	Bull. Torrey Bot. Club 75: 89 (1948)	N (PA), CO (MT)
<i>R. minima</i> Judz. & Zuloaga**	Ann. Missouri Bot. Gard. 78: 939 (1991)	N (PA)
<i>Rehia</i> Fitjen	Blumea 22: 416 (1975)	B (1 espécie, nenhuma endêmica), W (1 espécie)
<i>R. nervata</i> Fitjen	Blumea 22: 416 (1975)	N (PA), NE (MA)
<i>Reitzia</i> Swallen*	Sellowia 7: 7 (1956)	B (1 espécie, 1 endêmica), W (1 espécie)
<i>R. smithii</i> Swallen**	Sellowia 7: 8 (1956)	SE (SP, RJ), S (SC)
<i>Sucreea</i> Soderstr.*	Brittonia 33: 200 (1981)	B (3 espécies, 3 endêmicas), W (3 espécies)
<i>S. maculata</i> Soderstr.**	Brittonia 33: 205 (1981)	NE (BA), SE (ES, RJ)
<i>S. monophylla</i> Soderstr.**	Brittonia 33: 200 (1981)	NE (BA)
<i>S. sampaiana</i> Soderstr.**	Brittonia 33: 208 (1981)	SE (ES, RJ)

\*: Gênero endêmico; \*\*: Espécie endêmica; Sul (S): Estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e Paraná (PR); Sudeste (SE): Estados de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Minas Gerais (MG) e Espírito Santo (ES); Centro-Oeste (CO): Estados de Goiás (GO), Mato Grosso (MT), Mato Grosso do Sul (MS) e Distrito Federal (DF); Nordeste (NE): Estados da Bahia (BA), Sergipe (SE), Alagoas (AL), Pernambuco (PE), Paraíba (PB), Rio Grande do Norte (RN), Ceará, Piauí (PI) e Maranhão (MA); Norte (N): Estados do Acre (AC), Amazonas (AM), Rondônia (RO), Roraima (RR), Amapá (AP), Pará (PA) e Tocantins (TO).

Tabela 5 Tribo Bambuseae: Gêneros e espécies que ocorrem no Brasil, número e distribuição de espécies endêmicas por região geográfica e estado

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Actinocladum</i> McClure ex Soderstr.	Amer. J. Bot. 68: 1201 (1981)	B (1 espécie, nenhuma endêmica), W (1
<i>A. verticillatum</i> (Nees) McClure ex Soderstr.	Amer. J. Bot. 68: 1204 (1981)	CO (MT, GO, DF, MS), N (PA, AM), NE (BA), SE (MG, SP)
<i>Alvimia</i> C. E. Calderón ex Soderstr. & Londoño*	Amer. J. Bot. 75: 833 (1988)	B (3 espécies, 3 endêmicas), W (3 espécies)
<i>A. auriculata</i> Soderstr. & Londoño**	Amer. J. Bot. 75: 834 (1988)	NE (BA)
<i>A. gracilis</i> Soderstr. & Londoño**	Amer. J. Bot. 75: 835 (1988)	NE (BA)
<i>A. lancifolia</i> Soderstr. & Londoño**	Amer. J. Bot. 75: 837 (1988)	NE (BA)
<i>Apoclada</i> McClure*	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 57 (1967)	B (1 espécie, 1 endêmica), W (1 espécie)
<i>A. simplex</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 59 (1967)	SE (SP), S (SC)
<i>Arthrostylidium</i> Rupr.	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Petersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 3(2): 117 (1839)	B (4 espécies, 2 endêmicas), W (32 espécies)
<i>A. fimbriodum</i> Judz. & L. G. Clark**	Syst. Bot. 18: 84 (1993)	N (AM, RO)
<i>A. grandifolium</i> Judz. & L. G. Clark**	Syst. Bot. 18: 88 (1993)	N (PA, AM, RO)
<i>A. scandens</i> McClure	Mem. New York Bot. Gard. 10(5): 4 (1964)	N (PA)
<i>A. simpliciusculum</i> (Pilg.) McClure	Smithsonian Contr. Bot. 9: 20 (1973)	N (AM)
<i>Athroostachys</i> Benth.*	Gen. Pl. 3: 1208 (1883)	B (1 espécie, 1 endêmica), W (1 espécie)
<i>A. capitata</i> (Hook.) Benth.**	Gen. Pl. 3: 1209 (1883)	NE (BA)
<i>Atractantha</i> McClure	Smithsonian Contr. Bot. 9: 42 (1973)	B (6 espécies, 5 endêmicas), W (6 espécies)
<i>A. amazonica</i> Judz. & L. G. Clark	Novon 1: 78 (1991)	N (AM)
<i>A. aureolanata</i> Judz.**	Ann. Missouri Bot. Gard. 79: 166 (1992)	NE (BA)
<i>A. cardinalis</i> Judz.**	Ann. Missouri Bot. Gard. 79: 170 (1992)	NE (BA)
<i>A. falcata</i> McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 48 (1973)	NE (BA)
<i>A. radiata</i> McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 50 (1973)	NE (BA)
<i>A. shepherdiana</i> Santos-Gonc., Filg. & L. G. Clark**	Syst. Bot. 36: 311 (2011)	SE (ES)
<i>Aulonemia</i> Goudot	Ann. Sci. Nat., Bot., sér. 3, 5: 75 (1846)	B (16 espécies, 15 endêmicas), W (44
<i>A. amplissima</i> (Nees) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 56 (1973)	SE (MG, ES, SP, RJ), S (PR)
<i>A. aristulata</i> (Döll) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 56 (1973)	NE (BA), CO (GO, DF), SE (MG, ES, SP, RJ), S (PR, SC)
<i>A. cincta</i> P. L. Viana & Filg.**	Phytotaxa 156 (4): 235–249 (2014)	S (PR)
<i>A. deflexa</i> (N. E. Br.) McClure	Smithsonian Contr. Bot. 9: 56 (1973)	N (RR)
<i>A. effusa</i> (Hack.) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 56 (1973)	NE (BA), SE (MG)
<i>A. fimbriatifolia</i> L. G. Clark **	Revista Brasil. Bot. 27: 31 (2004)	SE (SP), S (PR, SC)
<i>A. glaziovii</i> (Hack.) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 56 (1973)	SE (MG)
<i>A. goyazensis</i> (Hack.) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 56 (1973)	SE (RJ)
<i>A. lanciflora</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 47 (1967)	SE (MG, RJ), S (SC, RS)
<i>A. prolifera</i> P. L. Viana & Filg.**	Phytotaxa 156 (4): 235–249 (2014)	SE (MG, ES)
<i>A. radiata</i> (Rupr.) McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 56 (1967)	SE (MG, SP, RJ), S (PR, SC)
<i>A. ramosissima</i> (Hack.) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 58 (1973)	SE (RJ)
<i>A. setigera</i> (Hack.) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 58 (1973)	NE (BA), SE (RJ)

Continua

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Aulonemia setosa</i> (Londoño & L. G. Clark) P. L. Viana & Filg.**	Brittonia 63: 104 (2011)	SE (RJ, SP, MG, ES)
<i>A. soderstromii</i> P. L. Viana, Filg. & Judz.**	Phytotaxa 156(4): 235–249 (2014)	SE (ES, MG), NE (BA)
<i>A. xerophylla</i> P. L. Viana & Filg.**	Novon 22(3): 372 (2013)	CO (GO, DF)
<i>Cambajuva</i> P. L. Viana, L. G. Clark & Filg.*	Syst. Bot. 38: 98 (2013)	B (1 espécie, 1 endêmica); W (1 espécie)
<i>C. ulei</i> (Hack.) P. L. Viana, L. G. Clark & Filg.**	Syst. Bot. 38: 98 (2013)	S (SC, RS)
<i>Chusquea</i> Kunth	Syn. Pl. Aequin. 1: 254 (1822)	B (45 espécies, 1 subespécies, 3 variedades, endêmicas); W (163 espécies)
<i>C. acuminata</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 204 (1880)	SE (RJ)
<i>C. anelythra</i> Nees**	Linnaea 9: 491 (1835)	SE (MG, RJ), S (PR, SC)
<i>C. anelytroides</i> Rupr. ex Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 206 (1880)	SE (MG, SP, RJ), S (PR)
<i>C. attenuata</i> (Döll) L. G. Clark**	Novon 3: 237 (1993)	SE (MG, SP)
<i>C. baculifera</i> Silveira**	Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro 22: 99 (1919)	SE (MG)
<i>C. bahiana</i> L. G. Clark**	Brittonia 48: 250 (1996)	SE (MG)
<i>C. bambusoides</i> (Raddi) Hack.**	Denkschr. Kaiserl. Akad. Wiss., Wien. Math.-Naturwiss. Kl. 79: 81 (1908)	NE (BA), SE (ES, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>C. bradei</i> L. G. Clark**	Brittonia 48: 254 (1996)	NE (BA), SE (ES)
<i>C. caparaensis</i> L. G. Clark**	Brittonia 44: 408 (1992)	SE (MG)
<i>C. capitata</i> Nees**	Linnaea 9: 489 (1835)	SE (MG, ES, SP, RJ), S (PR, SC)
<i>C. capituliflora</i> Trin.**	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Petersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 3(6): 613 (1835)	SE (MG, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>C. capituliflora</i> var. <i>pubescens</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 28 (1967)	SE (MG, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>C. ciliatifolia</i> A. C. Mota, R. P. Oliveira & L. G. Clark**	Phytotaxa 161 (3): 201–210 (2014)	SE (MG), NE (BA)
<i>C. clemirae</i> A. C. Mota, R. P. Oliveira & L. G. Clark**	Syst. Bot. 38: 95 (2013)	NE (BA)
<i>C. diversiglumis</i> (Soderstr.) L. G. Clark	Syst. Bot. 34: 680 (2009).	N (AM)
<i>C. erecta</i> L. G. Clark**	Brittonia 44: 397 (1992)	SE (SP)
<i>C. fasciculata</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 202 (1880)	SE (MG)
<i>C. gracilis</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 43 (1967)	S (PR, SC, RS)
<i>C. hatschbachii</i> L. G. Clark**	J. Amer. Bamboo Soc. 22: 29 (2009)	S (SC)
<i>C. heterophylla</i> Nees**	Linnaea 9: 488 (1835)	SE (MG, SP, RJ)
<i>C. ibiramae</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 40 (1967)	SE (ES, SP), S (PR, SC)
<i>C. juergensii</i> Hack.	Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 7: 325 (1909)	SE (MG, SP), S (PR, SC, RS)
<i>C. leptophylla</i> Nees**	Linnaea 9: 489 (1835)	SE (MG, ES, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>C. linearis</i> N. E. Br.**	Trans. Linn. Soc. London, Bot. 6: 76 (1901)	N (RR)
<i>C. longispiculata</i> L. G. Clark**	Revista Brasil. Bot. 27: 34 (2004)	SE (SP, RJ)
<i>C. magnifolia</i> L. G. Clark**	Syst. Bot. 34: 681 (2009)	N (AM)
<i>C. meyeriana</i> Rupr. ex Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 203 (1880).	SE (MG, SP, RJ), S (PR, SC, RS)

## Continua

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Chusquea microphylla</i> (Döll) L. G. Clark**	Brittonia 44: 420 (1992)	SE (MG, RJ)
<i>C. mimosa</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 37 (1967)	S (PR, SC, RS)
<i>C. mimosa</i> subsp. <i>australis</i> L. G. Clark**	Brittonia 44: 414 (1992)	S (PR, SC, RS)
<i>C. mirabilis</i> A. C. Mota, R. P. Oliveira & L. G. Clark**	Phytotaxa 161 (3): 201–210 (2014)	SE (MG), NE (BA)
<i>C. nudiramea</i> L. G. Clark**	Brittonia 44: 415 (1992)	S (SC)
<i>C. nutans</i> L. G. Clark**	Brittonia 44: 398 (1992)	NE (BA), SE (MG)
<i>C. oligophylla</i> Rupr.**	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Pétersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 5: 124 (1839)	SE (SP, RJ), S (PR, SC)
<i>C. oxylepis</i> (Hack.) Ekman**	Ark. Bot. 13(10): 65 (1913)	NE (BA), SE (MG, SP, RJ), S (PR, SC)
<i>C. pinifolia</i> (Nees) Nees**	Linnaea 9: 490 (1835)	SE (MG, SP, RJ)
<i>C. pulchella</i> L. G. Clark**	Novon 3: 236 (1993)	SE (SP, RJ)
<i>C. ramosissima</i> Lindm.	Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl., n.s., 34(6): 24 (1900)	NE (BA), SE (ES, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>C. riosaltensis</i> L. G. Clark**	Brittonia 44: 403 (1992)	SE (MG)
<i>C. sclerophylla</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 200 (1880)	SE (RJ)
<i>C. sellowii</i> Rupr.**	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Pétersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 5: 125 (1839)	SE (MG, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>C. tenella</i> Nees**	Linnaea 9: 492 (1835)	SE (MG, SP), S (PR, SC, RS)
<i>C. tenuiglumis</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 199 (1880)	SE (MG, SP), S (SC)
<i>C. tenuiglumis</i> var. <i>laxiuscula</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 200 (1880)	SE (MG)
<i>C. tenuiglumis</i> var. <i>subcylindrica</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 199 (1880)	SE (MG)
<i>C. tenuis</i> Glaz. ex E. G. Camus**	Bambusées: 90 (1913)	SE (RJ)
<i>C. urelytra</i> Hack.**	Oesterr. Bot. Z. 53: 158 (1903)	SE (ES, SP, RJ), S (PR)
<i>C. wilkesii</i> Munro**	Trans. Linn. Soc. London 26: 63 (1868)	SE (MG)
<i>C. windischii</i> L. G. Clark**	Brittonia 44: 405 (1992)	S (SC)
<i>Colanthea</i> McClure & L. B. Sm.	Smithsonian Contr. Bot. 9: 77 (1973)	B (6 espécies, 4 endêmicas); W (6 espécies)
<i>C. burchellii</i> (Munro) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 79 (1973)	SE (SP, RJ)
<i>C. cingulata</i> (McClure & L. B. Sm.) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 79 (1973)	SE (SP, RJ), S (SC, RS)
<i>C. distans</i> (Trin.) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 79 (1973)	SE (MG)
<i>C. intermedia</i> (McClure & L. B. Sm.) McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 79 (1973)	SE (RJ), S (SC, RS)
<i>C. macrostachya</i> (Nees) McClure	Smithsonian Contr. Bot. 9: 79 (1973)	SE (SP, RJ)
<i>C. rhizantha</i> (Hack.) McClure	Smithsonian Contr. Bot. 9: 79 (1973)	S (PR, RS)
<i>Eremocaulon</i> Soderstr. & Londoño	Amer. J. Bot. 74: 37 (1987).	B (4 espécies, 3 endêmicas); W (4 espécies)
<i>E. amazonicum</i> Londoño**	Syst. Bot. 27: 716 (2002)	N (AC, AM, RO)
<i>E. asymmetricum</i> (Soderstr. & Londoño)	Syst. Bot. 27: 711 (2002)	NE (BA)
<i>E. aureofimbriatum</i> Soderstr. & Londoño**	Amer. J. Bot. 74: 37 (1987)	NE (BA), SE (MG)
<i>E. capitatum</i> (Trin.) Londoño	Syst. Bot. 27: 714 (2002)	CO (MT)
<i>Filgueirasia</i> Guala	J. Amer. Bamboo Soc. 17: 2 (2003)	B (2 espécies, 2 endêmicas); W (2 espécies)

Continua

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Filgueirasia arenicola</i> (McClure) Guala**	J. Amer. Bamboo Soc. 17: 3 (2003)	NE (BA), CO (MT, GO, MS), SE (MG)
<i>F. cannavieira</i> (Silveira) Guala**	J. Amer. Bamboo Soc. 17: 3 (2003)	CO (GO, DF), SE (MG)
<i>Glaziophyton</i> Franch.*	J. Bot. (Morot) 3: 277 (1889)	B (1 espécie, 1 endêmica); W (1 espécie)
<i>G. mirabile</i> Franch.**	J. Bot. (Morot) 3: 277 (1889)	SE (RJ)
<i>Guadua</i> Kunth	J. Phys. Chim. Hist. Nat. Arts 95: 150 (1822)	B (18 espécies, 1 subespécie, 6 endêmicas); (27 espécies)
<i>G. calderoniana</i> Londoño & Judz.**	Novon 1: 27 (1991)	NE (BA)
<i>G. chacoensis</i> (Rojas) Londoño & P. M. Peterson	Novon 2: 41 (1992)	CO (MS), S (PR, RS)
<i>G. ciliata</i> Londoño & Davidse	Novon 1: 21 (1991)	N (PA, AM)
<i>G. glomerata</i> Munro	Trans. Linn. Soc. London 26: 79 (1868)	N (PA, AM)
<i>G. latifolia</i> (Bonpl.) Kunth	Syn. Pl. Aequin. 1: 254 (1822)	N (AM)
<i>G. macrospiculata</i> Londoño & L. G. Clark	Novon 12: 65 (2002)	N (AM)
<i>G. macrostachya</i> Rupr.	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Petersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 5: 129 (1839)	N (AM)
<i>G. maculosa</i> (Hack.) E. G. Camus**	Bambusées: 106 (1913)	N (AM)
<i>G. magna</i> Londoño & Filg.**	Anais Seminário Nac. Bambu: 27 (2006)	CO (GO)
<i>G. paniculata</i> Munro	Trans. Linn. Soc. London 26: 85 (1868)	CO (MS, GO, DF), SE (MG, SP), S (RS)
<i>G. paraguayana</i> Döll	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 179 (1880)	SE (SP), S (PR)
<i>G. refracta</i> Munro**	Trans. Linn. Soc. London 26: 84 (1868)	CO (GO, DF), SE (MG)
<i>G. sarcocarpa</i> Londoño & P. M. Peterson	Syst. Bot. 16: 631 (1991)	N (AC)
<i>G. superba</i> Huber	Bol. Mus. Goeldi Paraense Hist. Nat. Ethnogr. 4: 479 (1906)	N (AC, AM)
<i>G. tagoara</i> (Nees) Kunth	Enum. Pl. 1: 434 (1833)	Incluir CO (GO), NE (Excluir MA, BA), SE (MG, ES, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>G. tagoara</i> subsp. <i>glaziovii</i> (Hack.) Londoño & L. G. Clark**	Novon 12: 76 (2002)	SE (RJ)
<i>G. trinii</i> (Nees) Nees ex Rupr.	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Petersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 5: 130 (1839)	SE (MG), S (SC, RS)
<i>G. virgata</i> (Trin.) Rupr.**	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Petersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 5: 130 (1839)	CO (GO)
<i>G. weberbaueri</i> Pilg.	Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 1: 152 (1905)	N (AC)
<i>Merostachys</i> Spreng.	Syst. Veg. 1: 132, 249 (1824)	B (43 espécies, 41 endêmicas); W (49
<i>M. abadiana</i> Send.**	Novon 5: 77 (1995)	SE (SP)
<i>M. annulifera</i> Send.**	Novon 7: 286 (1997)	NE (BA)
<i>M. argentea</i> Send.**	Novon 7: 287 (1997)	NE (BA)
<i>M. argyronema</i> Lindm.**	Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl., n.s., 34(6): 22 (1900)	SE (SP)
<i>M. bifurcata</i> Send.**	Novon 7: 290 (1997)	NE (BA)
<i>M. bradei</i> Pilg.**	Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 10: 114 (1927)	SE (SP)
<i>M. brevigluma</i> Send.**	Kew Bull. 56: 629 (2001)	SE (MG, SP)
<i>M. burmanii</i> Send.**	Novon 2: 111 (1992)	NE (BA), SE (SP, RJ)
<i>M. calderoniana</i> Send.**	Novon 7: 290 (1997)	NE (BA)
<i>M. caucaiana</i> Send.**	Novon 5: 80 (1995)	SE (SP), S (RS)

Continua

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Merostachys ciliata</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 71 (1967)	S (PR, SC)
<i>M. clausenii</i> Munro	Trans. Linn. Soc. London 26: 48 (1868)	CO (GO), SE (MG), S (PR, RS)
<i>M. exserta</i> Munro**	E. G. Camus, Bambusées: 74 (1913)	SE (MG)
<i>M. filgueirasii</i> Send.**	Novon 5: 80 (1995)	CO (DF)
<i>M. fimbriata</i> Send.**	Novon 7: 302 (1997)	N (RO)
<i>M. fischeriana</i> Rupr. ex Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 215 (1880)	NE (BA), SE (MG, RJ), S (PR)
<i>M. fistulosa</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 209 (1880)	SE (MG, SP), S (PR)
<i>M. glauca</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1(Gramin., Supl. Bambus.): 74 (1967)	S (SC)
<i>M. kleinii</i> Send.**	Novon 5: 84 (1995)	S (SC)
<i>M. kunthii</i> Rupr.**	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Pétersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 5: 127 (1839)	SE (RJ)
<i>M. lanata</i> Send.**	Novon 7: 292 (1997)	NE (BA)
<i>M. leptophylla</i> Send.**	Novon 7: 295 (1997)	NE (BA), SE (SP)
<i>M. magellanica</i> Send.**	Novon 5: 86 (1995)	SE (SP, RJ)
<i>M. magnispicula</i> Send.**	Novon 7: 296 (1997)	NE (BA)
<i>M. medullosa</i> Send.**	Novon 7: 298 (1997)	NE (BA)
<i>M. multiramea</i> Hack.	Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 7: 326 (1909)	NE (BA), CO (GO), SE (SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>M. neesii</i> Rupr.**	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Pétersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 5: 127 (1839)	NE (BA), SE (SP, RJ)
<i>M. petiolata</i> Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 216 (1880)	NE (BA), SE (MG, SP, RJ)
<i>M. pilifera</i> Send.**	Novon 5: 90 (1995)	S (RS)
<i>M. pluriflora</i> Munro ex E. G. Camus**	Bambusées: 77 (1913)	SE (SP, RJ), S (SC)
<i>M. polyantha</i> McClure**	Smithsonian Contr. Bot. 9: 91 (1973)	SE (SP)
<i>M. procerrima</i> Send.**	Novon 7: 300 (1997)	NE (BA), SE (ES)
<i>M. ramosissima</i> Send.**	Novon 7: 300 (1997)	NE (BA)
<i>M. riedeliana</i> Rupr. ex Döll**	C. F. P. von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 2(3): 213 (1880)	SE (MG, SP)
<i>M. rondoniensis</i> Send.**	Novon 7: 305 (1997)	N (RO)
<i>M. scandens</i> Send.**	Novon 5: 92 (1995)	SE (SP)
<i>M. sellovii</i> Munro**	Trans. Linn. Soc. London 26: 51 (1868)	NE (BA)
<i>M. skvortzovii</i> Send.**	Novon 5: 94 (1995)	SE (SP), S (PR, SC, RS)
<i>M. sparsiflora</i> Rupr.**	Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Pétersbourg, Sér. 6: Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 5: 127 (1839)	NE (BA)
<i>M. speciosa</i> Spreng.**	Syst. Veg. 1: 249 (1824)	SE (MG, SP), S (PR, SC, RS)
<i>M. tatianae</i> Santos-Gonçalves, Carvalho-Okano & Filg.**	Syst. Bot. 37(4): 938 (2012)	SE (MG)
<i>M. temata</i> Nees**	C. F. P. von Martius, Fl. Bras. Enum. Pl. 2: 529 (1829)	NE (BA), SE (MG, SP, RJ), S (PR, SC, RS)
<i>M. vestita</i> McClure & L. B. Sm.**	Fl. Ilustr. Catarin. 1 (Gramin., Supl. Bambus.): 72 (1967)	S (SC)

Continua

Gênero/espécie	Fonte	Distribuição/Total de espécies (Mundo e
<i>Myriocladus</i> Swallen	Fieldiana, Bot. 28: 34 (1951)	B (4 espécies, nenhuma endêmica); W (12
<i>M. grandifolius</i> Swallen	Mem. New York Bot. Gard. 9: 245 (1957)	N (AM)
<i>M. neblinaensis</i> Swallen	Mem. New York Bot. Gard. 9: 240 (1957)	N (AM)
<i>M. paludicolus</i> Swallen	Mem. New York Bot. Gard. 9: 246 (1957)	N (AM)
<i>M. virgatus</i> Swallen	Fieldiana, Bot. 28: 34 (1951)	N (AM)
<i>Rhipidocladum</i> McClure	Smithsonian Contr. Bot. 9: 101 (1973)	B (2 espécies, nenhuma endêmica); W (15
<i>R. parviflorum</i> (Trin.) McClure	Smithsonian Contr. Bot. 9: 105 (1973)	N (PA, RR), CO (GO, DF), SE (MG, RJ, SP), S (PR)
<i>R. racemiflorum</i> (Steud.) McClure	Smithsonian Contr. Bot. 9: 106 (1973)	SE (RJ)

\*: Gênero endêmico; \*\*: Espécie endêmica; Sul (S): Estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e Paraná (PR); Sudeste (SE): Estados de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Minas Gerais (MG) e Espírito Santo (ES); Centro-Oeste (CO): Estados de Goiás (GO), Mato Grosso (MT), Mato Grosso do Sul (MS) e Distrito Federal (DF); Nordeste (NE): Estados da Bahia (BA), Sergipe (SE), Alagoas (AL), Pernambuco (PE), Paraíba (PB), Rio Grande do Norte (RN), Ceará, Piauí (PI) e Maranhão (MA); Norte (N): Estados do Acre (AC), Amazonas (AM), Rondônia (RO), Roraima (RR), Amapá (AP), Pará (PA) e Tocantins (TO).

## Agradecimentos

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Brasil, pelo apoio às pesquisas do IAC sobre bambu e o apoio à visita do Dr. XIA Nianhe ao Brasil em 2013.

## Referências

- [1] Kelchner S A, BPG (Bamboo Phylogeny Group). Higher level phylogenetic relationships within the bamboos (Poaceae: Bambusoideae) based on five plastid markers [J]. *Mol Phylogen Evol*, 2013, 67(2): 404–413.
- [2] Judziewicz E J, Clark L G, Londoño X, et al. *American Bamboos* [M]. Washington: Smithsonian Books, 1999: 1–392.
- [3] Judziewicz E J, Clark L G. Classification and biogeography of New World Grasses: Anomochloideae, Pharoideae, Ehrhartoideae, and Bambusoideae [J]. *Aliso*, 2007, 23(1): 303–314.
- [4] Hidalgo L O. *Bamboo: The Gift of the Gods* [M]. Bogotá, Colombia: D'vinni Ltda. 2003: 1–553.
- [5] Cruz Ríos H. *Bambú-Guadua (Guadua angustifolia Kunth): Bosques Naturales en Colombia y Plantaciones Comerciales en México* [M]. Colômbia: Colmex. 2009: 1–691.
- [6] BPG (Bamboo Phylogeny Group). An updated tribal and subtribal classification of the bamboos (Poaceae: Bambusoideae) [J]. *Bamboo Sci Cult*, 2012, 24(1): 1–10.
- [7] Bouchenak-Khelladi Y, Salamin N, Savolainen V, et al. Large multi-gene phylogenetic trees of the grasses (Poaceae): Progress towards complete tribal and generic level sampling [J]. *Mol Phylogen Evol*, 2008, 47(2): 488–505.
- [8] Sungkaew S, Stapleton C M A, Salamin N, et al. Non-monophyly of the woody bamboos (Bambuseae; Poaceae): A multi-gene region phylogenetic analysis of Bambusoideae s.s. [J] *J Plant Res*, 2009, 122(1): 95–108.
- [9] Calderón C E, Soderstrom T R. The genera of Bambusoideae (Poaceae) of the American continent: Keys and comments [J]. *Smithsonian Contr Bot*, 1980, 44(1): 1–27.
- [10] Nees von Esenbeck C G D. *Agrostologia Brasiliensis: Seu Descriptio Graminum in Imperio Brasiliensi Huc Usque Detectorum* [M]. Stuttgartiae et Tubingae: sumptibus J. G. Cottae, 1829: 1–608.
- [11] Nees von Esenbeck C G D. *Bambuseae Brasilienses: Recensuit, et Alias in India Orientali Provenientes Adjecit* [J]. *Linnaea*, 1835, 9(1): 461–494.
- [12] Ruprecht F J. *Bambuseae Monographice Exponit* [M]. St. Petersburg: Typis Academiae Caesariae Scientiarum, 1839: 1–75. [Reprinted in 1840 as *Bambuseae monographice exponit in Mémoires de l'Académie Impériale des Sciences de Saint Pétersbourg*, VI (Sciences Naturelles) 3(1): 91–165, plates 1–18.].
- [13] Munro W. *A Monograph of the Bambusaceae, including Descriptions of all the species* [J]. *Trans Linn Soc London*, 1868, 26(1): 1–157.
- [14] Doell J C. *Bambusaceae* [M]// Martius C F P. *Flora Brasiliensis Enumeratio Plantarum*, Vol. 2(3). Monachii et Lipsiae [Munich & Leipzig]: R. Oldenbourg, 1880: 161–220.
- [15] Martius C F P. *Flora Brasiliensis Enumeratio Plantarum* [M]. Monachii et Lipsiae [Munich & Leipzig]: R. Oldenbourg, 1840–1906.
- [16] Camus E G. *Les Bambusees: Monographie, Biologie, Culture, Principaux Usages* [M]. Paris: P. Lechevalier, 1913: 1–215.
- [17] McClure F A. *Genera of bamboos native to the New World*



- (Gramineae: Bambusoideae) [J]. *Smithsonian Contr Bot*, 1973(9): 1–148.
- [18] Sendulsky T. *Merostachys multiramea* (Poaceae:Bambusoideae: Bambuseae) and similar species from Brazil [J]. *Novon*, 1995, 5(1): 76–96.
- [19] Filgueiras T S, Santos-Gonçalves A P. A checklist of the basal grasses and bamboo in Brazil (Poaceae) [J]. *Bamboo Sci Cult*, 2004, 18(1): 7–18.
- [20] Forzza R C, Baumgratz J F A, Bicudo C E M, et al. *Catálogo de Plantas e Fungos do Brasil, Volume 2* [M]. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010: 1464–1520.
- [21] Filgueiras T S, Longhi-Wagner H M, Viana P L, et al. Poaceae [M/OL]// Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Lista de espécies da flora do Brasil. 2013. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB193>.
- [22] Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Lista de Espécies da Flora do Brasil 2014 [EB/OL]. [2014–08–15]. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>.
- [23] De Carvalho M L S, De Oliveira R P. Proposal to conserve the name *Piresia* against *Reitzia* (Poaceae, Bambusoideae) [J]. *Taxon*, 2014, 63(1): 190–191.
- [24] Schmidt R, Longhi-Wagner H M. A tribo Bambuseae (Poaceae, Bambusoideae) no Rio Grande do Sul [J]. *Rev Brasil Biociên*, 2009, 7(1): 71–128.
- [25] Flora Brasiliensis [EB/OL]. [2014–08–15]. <http://florabrasiliensis.cria.org.br/opus>.
- [26] Missouri Botanical Garden. TROPICOS database [EB/OL]. [2014–08–15]. <http://www.tropicos.org>.
- [27] Clayton W D, Govaerts R, Harman K T, et al. World Checklist of Poaceae. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet [EB/OL]. [2014–08–15]. <http://apps.kew.org/wcsp/> Retrieved \*\*.
- [28] CEPAGRI (Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura). Clima dos Municípios Paulistas [EB/OL]. [2014–08–15]. <http://www.cpa.unicamp.br/outras-informacoes/clima-dos-municipios-paulistas.html>.
- [29] Dereczynski C P, Oliveira J S, Machado C O. Climatologia da precipitação no município do Rio de Janeiro [J]. *Rev Brasil Meteorol*, 2009, 24(1): 24–38.
- [30] Ohrnberger D. *The Bamboos of the World: Annotated Nomenclature and Literature of the Species and the Higher and Lower Taxa* [M]. Amsterdam: Elsevier Science B. V., 1999: 1–584.